

NUNO ALMEIDA

VENCEDOR DO PRÉMIO ANTÓNIO DE MACEDO 2021

PELA
CABEÇA
DO REI

– VOLUME II –

A Última
Espada

(Sample)



Editorial Divergência



PELA
CABEÇA
DO REI

- VOLUME II -

A Última
Espada

(Sample)



Editorial Divergência

Novembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: Pela Cabeça do Rei: A Última Espada
Autor: Nuno Almeida
Coordenação editorial: Arlete Gomes
Edição: Diogo Resende e Filipe Heath
Revisão: Carolina Sousa, Filipe Heath e Ana Teixeira
Artista de capa: Tânia Roberto
Composição: Tânia Roberto

ISBN: 978-989-9306-72-1

Este livro foi composto pelos tipos:
Palatino Linotype

©2024 Grupo Editorial Divergência
©2024 Nuno Almeida
©2024 Tânia Roberto

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Grupo Editorial Divergência
Centro de Negócios de Ansião, Gabinete 8
Parque Empresarial do Camporês
3240-465 Chão de Couce
Portugal
Website: <https://divergencia.pt/>
E-mail: geral@divergencia.pt
Telefone: 928 155 850

O Grupo Editorial Divergência e Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Esta obra segue o Acordo Ortográfico de 1945

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU

Os gritos de Reicard faziam-na estremecer. Chorava como uma criança, grossas lágrimas banhando-lhe o rosto contorcido numa máscara de dor enquanto segurava gentilmente a cabeça de Dragnar. Talvez não devesse tê-lo chamado. Talvez não devesse ter seguido Dragnar em primeiro lugar, mas a sua maldita curiosidade levava a melhor. Tinha-o observado à distância enquanto percorria a galeria dos heróis em passos descontraindo. Deixou-se ficar à espera depois de ele entrar nos portões, sem saber quando iria regressar ou se passaria a noite no palácio. Podia atribuir a sua espera à teimosia, ou ao sexto sentido de um assassino, aquela estranha sabedoria que lhes era gravada na pele juntamente com a marca que os prendia à organização até ao final dos seus dias. Ou podia ser apenas a vontade de o confrontar depois de ele tão descaradamente ter voltado os seus planos do avesso. Esperou que ele regressasse pelo portão da entrada até o sol se pôr, em vão.

Impaciente, contornou o palácio à distância até avistar a sua traseira voltada para Norte, onde o sol nunca brilhava. Como tudo naquele mundo, também a Fortaleza Dourada tinha um lado desagradável para contrabalançar a fachada tão impressionante que parecia esculpida pelos deuses. Todo o lixo, restos de comida e conteúdo de penicos tinham de sair por algum lado, e alguns reis mais desleixados pareciam ter achado que a praça aberta nas costas do palácio era o sítio ideal.

Finrra viu uma luz brilhar no topo da muralha e esperou que fosse apenas uma criada para dar mais comida às dezenas de cães e gatos vadios que circundavam o monte castanho e malcheiroso da altura de uma pessoa. Ficou genuinamente surpreendida ao ver um par de soldados carregar um homem pelos ombros e despejá-lo sem cerimónia no charco lamacento que se formava lá em baixo. E, estupidamente, não soube guardar o seu segredo.

— Eles mataram-no — balbuciou Reicard, acariciando o rosto pálido do seu Comandante.
— Foi tudo uma armadilha.

Finrra não tinha tanta certeza, era igualmente provável que ele tivesse cometido uma loucura. Selvagem como era, foi uma surpresa que não tivesse morrido mais cedo.

— Olha para ele, vê o que lhe fizeram.

Reicard compunha o casaco imundo como se o preparasse para um grande evento. Finrra observou o rosto imóvel de Dragnar, e não soube o que sentir. Desejara a morte dele, convicta de que isso resolveria todos os seus problemas. Agora, olhando para aquele corpo sem vida, não sentiu o alívio que esperava.

— Vamos embora, não podemos fazer mais nada por ele.

Reicard encarou-a com um olhar odioso.

— Não o podemos deixar aqui, no meio do lixo!

— Preferes arrastá-lo até casa? Ele está morto, Reicard, as suas preocupações acabaram.

— Vai, se quiseres! — Enxotou-a com uma mão, como a um cão vadio. — Ele não é problema teu. Aliás, deves estar feliz! Não era isto que querias?!

— Queria que ele me libertasse do meu fardo, tal como prometeu, mas parece que, no final, deixou muitas promessas por cumprir.

Reicard deu um passo em frente, lutou contra a espada que teimava em não sair da bainha presa ao seu cinto e acabou por tropeçar, caindo aos pés de Dragnar.

— Não me toques! — gritou, quando Finrra o tentou segurar. — Desaparece daqui, bruxa! Deixa-nos sozinhos.

Gatinhou para junto de Dragnar e deixou cair o rosto sobre o seu peito, manchando uma face no sangue do seu Comandante. Por entre o sofrimento, ele não sabia o quão afortunado era por amar alguém assim. O mundo inteiro podia morrer, e Finrra não teria ninguém por quem chorar daquela forma. Subitamente, sentiu-se tão sozinha. Suspirou, encolheu os ombros e deu meia-volta, deixando Reicard no seu luto.

O rapaz murmurou algo. Ela estacou, espreitando sobre o ombro.

— Disseste alguma coisa?

Ele debruçava-se sobre o peito rasgado de Dragnar, observando o corte largo que lhe abria o casaco ensopado em sangue com um fascínio mórbido, e antes que Finrra pudesse dizer algo, ele encostou uma orelha ao peito imóvel.

— O que estás a fazer?

— Ele está vivo.

— O quê?

Ele ergueu a cabeça, os seus olhos demasiado abertos.

— O coração ainda bate. Quase não se ouve, mas está lá.

O único espectáculo mais triste que a morte é o daqueles incapazes de a aceitar.

— Reicard, ele está morto há horas, é impossível...

— Vem cá. — Cortou-lhe a palavra, recuou um passo e estendeu os braços num gesto convidativo. — Ouve por ti mesma.

Finrra torceu os lábios. Hesitou, mas acabou por lhe fazer a vontade. Ajoelhou-se junto do cadáver e sentiu-se afortunada pela máscara que lhe tapava o nariz. Por mais anos que passassem, o cheiro a sangue deixava-a sempre enjoada. Inclinou a cabeça e encostou um ouvido ao casaco de Dragnar, o tecido inchado e húmido sujando-lhe a pele de vermelho. Susteve a respiração e esperou. Nada.

— Reicard, a tua imaginação está a pregar-te partidas.

— Não! — gritou ele, sentindo a esperança esfumar-se à sua frente como nevoeiro e desesperado por a agarrar. — Escuta com mais atenção. Não estou a imaginar coisas.

Resignada, ela decidiu fazer-lhe esse último favor. Fechou os olhos e abstraiu-se de tudo o que a rodeava. Algures na escuridão, ouviu uma batida, ténue, mas clara, como um pingo de água ecoando numa caverna. Afastou-se como uma gata assustada.

— Tens razão.

Reicard segurou-a pelos ombros, uma alegria infantil iluminando-lhe o rosto.

— Ele está vivo. Ainda podemos salvá-lo!

Finrra hesitou.

— Reicard, não há nada que possamos fazer.

Um dos seus olhos tremeu, e ele pareceu à beira de um ataque de loucura.

— Ele está vivo — repetiu calmamente, como se falasse com uma criança teimosa. — Temos de o salvar.

Finrra contemplou de novo o cadáver, o corte no peito que o abria de um lado ao outro, o grande pedaço que lhe faltava de uma mão, onde um enxame de moscas estava já colado ao sangue viscoso.

— Não há físico, cirurgião ou alquimista que o consiga salvar. Já não deve faltar muito para que o seu coração ceda de vez, e não há forma de o impedir.

Toda a energia pareceu abandonar Reicard. Os braços caíram ao seu lado, inertes, e as lágrimas banharam-lhe de novo o rosto.

— Não é justo... — murmurou.

A voz quebrou-se-lhe e ele enterrou o rosto nas mãos, rasgando a pele com as unhas. Uivou de dor, um lamento agudo e profundo que parecia furar os ouvidos de Finrra até ela não conseguir aguentar mais e segurar as mãos dele nas suas.

— Talvez haja uma forma.

Ele observou-a, sem coragem para se atrever a ter esperança.

— É uma hipótese remota — avisou Finrra —, mas pode resultar. Vem comigo.

Um cadáver na Via das Sombras não era uma visão rara. Encontravam-se ocasionalmente, encostados a um canto ou despejados num beco, por vezes com as roupas rasgadas e desviradas, e sinais óbvios de violência no corpo. Um cadáver a ser puxado por um rapaz de espada à cinta e uma mulher em roupas de assassina era mais invulgar, e não era de admirar que inúmeros olhares os seguissem ao longo das ruas tortas e quebradas. Avançavam a custo, carregando o corpo gigantesco de Dragnar sobre os ombros, os seus pés inertes arrastando-se pelo chão irregular. Por todo o lado, através de portas e janelas abertas, em vãos de escadas e becos imersos em sombra, pares de olhos curiosos seguiam os seus passos. Só os mais pobres e desgraçados viviam ali, em barracas de madeira carunchosa precariamente equilibradas umas nas outras, como um grande formigueiro habitado por gente esquelética e pálida, de bocas desdentadas e olhos afundados em grandes covas. Ninguém os tentou impedir, mas Finrra mantinha uma faca à mão em todo o caso. Não tinham tempo a perder e a sua paciência estava por um fio. Reicard parou subitamente e ela quase se afundou sob o peso morto de Dragnar.

— Não podemos passar.

Ela seguiu o seu olhar até à carroça destruída que bloqueava o caminho à sua frente. Tombara de lado entre dois aglomerados de casas, com algumas tábuas partidas e um eixo quebrado, uma roda solitária girando lentamente como as velas de um moinho. Finrra nunca vira uma carroça passar ali. Esticou o pescoço, perscrutando os telhados em redor, e, por um momento, temeu que uma chuva de flechas se abatesse sobre eles. Seria um fim inglório para o Demónio Escarlata.

— O que fazemos? Tentamos empurrá-la?

— Não. — Ela não queria passar nem mais um momento naquele local, tão vulnerável como se tivesse um alvo pintado nas costas. — Damos a volta, eu conheço outro caminho.

Esqueceu-se de lhe dizer que a vista dos telhados é muito diferente do nível do chão, onde as ruelas claustrofóbicas serpenteiam por entre casas que se amontoam à altura de torres e parecem inclinar-se sobre os caminhantes, ameaçando ruir a qualquer momento. Enganou-se um par de vezes, avançando com confiança apenas para, passados alguns metros, reconsiderar e voltar atrás. Durante todo o tempo, mantinha-se tensa, atenta a qualquer sinal de uma emboscada. Se estava alguém atrás deles, e isso não passasse da sua imaginação a pecar por excesso de zelo, esse alguém pensou melhor e não agiu.

Quando finalmente alcançaram o estranho edifício ao fundo de um beco, já a noite ia avançada e o corpo de Dragnar parecia ficar mais frio a cada momento. Finrra bateu na porta de ferro e esperou. Uma grande abertura rectangular abriu-se ao nível das suas pernas e uma voz fina falou do outro lado.

— Introduzam o corpo na abertura.

— Este é especial, tem de ser entregue em pessoa.

A voz do outro lado não pareceu divertida.

— Enfiem o corpo na abertura e receberão o pagamento adequado.

— Mas...

— Sem excepções.

— Mas nós precisamos de ver o Necromante! — vociferou Reicard, esmurrando a pesada porta com um punho fechado. — É urgente.

A abertura fechou-se e Finrra percebeu que tinham pouco tempo.

— Ouve, este é demasiado grande, tens de abrir a porta.

Silêncio. Depois, o chocalhar de várias trancas e fechaduras a serem destrancadas. A porta abriu-se finalmente com o chiar de dobradiças enferrujadas, um pouco de cada vez, como se a pessoa do outro lado estivesse a fazer um esforço hercúleo para a puxar. Não abriu mais que um palmo, presa à parede a seu lado por uma grossa corrente. Uma cabeça espreitou através da abertura, cabelos encaracolados formando um pequeno monte sobre o rosto de um rapaz com não mais de catorze anos. Os seus pequenos olhos curiosos percorreram o corpo maciço de Dragnar e ele comprimiu os lábios.

— Muito bem. Pousem-no no chão. Eu pago-vos adiantado e podem seguir o vosso caminho.

— Queremos entregá-lo pessoalmente.

— O meu senhor não recebe visitas.

— Vá lá. — Finrra mostrou-lhe o olhar mais meigo e caloroso de que foi capaz. — Faz-nos esse favor, sim?

As faces pálidas e chupadas do rapaz pareceram ganhar alguma cor.

— Não sei qual seria a reacção do Mestre, posso estar a meter-me em problemas.

Finrra aproximou-se e sussurrou-lhe ao ouvido. Os olhos do rapaz abriram-se e ele refugiou-se atrás da porta, atarefado a desprender a corrente de ferro.

— O que raio lhe disseste? — perguntou Reicard.

Finrra sorriu para si mesma.

— Nem tudo se consegue com armas e ameaças. Por vezes, a diplomacia é o melhor caminho. E algumas promessas que não tenho intenções de cumprir.

O alto edifício que se via da rua parecia não ser mais que uma fachada, e uma vez lá dentro, tudo se passava debaixo do chão. Desceram por uma escada que conduzia a um corredor frio e húmido, as paredes repletas de furos como as de uma garrafeira, mas em vez de pipas ou garrafões, os buracos estavam repletos de corpos pálidos de pés rigidamente espetados em todas as direcções, alguns espaços com dois e três ocupantes empilhados sem cuidado. Viu Reicard a tapar a boca e o nariz com uma mão e, mais uma vez, sentiu-se grata pela máscara. Entraram numa divisão larga, e o cheiro tornou-se tão forte que nem a camada de tecido parecia capaz de o travar. Não era apenas a carne podre dos pedaços de corpos em decomposição espalhados por todo o lado, uma mão aqui, um pé acolá, uma cabeça descontraidamente pousada sobre um monte de livros velhos e poeirentos como um pisa-papéis. Não era apenas o odor estéril do corpo mumificado erguido contra uma das paredes, a sua pele engelhada e ressequida como couro contrastando com os ossos amarelos e limpos do esqueleto ao seu lado. Eram também os vapores químicos que se elevavam de uma dezena de tubos recheados com líquidos coloridos, alguns inertes e cuidadosamente arrumados em filas ordenadas, outros ardendo lentamente sobre pequenas velas, os seus gases percorrendo um labirinto de tubos retorcidos até se condensarem em novos reservatórios, as suas cores e as suas propriedades alteradas. Lembavam a Finrra o processo por vezes longo e moroso da destilação de venenos, mas não se atrevia a imaginar qual o propósito daquelas preparações.

Reicard pareceu menos entusiasmado. Os seus joelhos vacilaram e pareceu prestes a vomitar, bloqueando a boca com uma mão e fechando os olhos com tanta força que ela viu pequenas lágrimas a formarem-se nos cantos. O rapaz riu-se, uma coisa grave e sem humor que mais parecia a gargalhada de uma gárgula.

— É por isto que não recebemos visitas.

Outra porta, e uma sala redonda que se afunilava até ao centro, como uma versão reduzida de um anfiteatro. Toda a luz estava delimitada ao centro, num pilar brilhante que começava no grande candelabro junto ao tecto e terminava no círculo de velas grossas morbidamente dispostas em torno de uma mesa de ferro. Um homem estava em pé, de costas voltadas para eles. Outro jazia na mesa, mostrando a pele descolorida de um morto com alguns dias. À medida que se aproximavam, viram que o homem vivo fazia algo ao antebraço do morto, mas só quando chegaram ao nível mais baixo é que Finrra conseguiu ver exactamente o quê. Ele abria-o da mesma forma que alguém desmonta um engenho complexo, com cuidado para não o partir ou perder alguma das peças. A pele estendia-se para os lados como um livro aberto, revelando uma confusão de músculos cuidadosamente separados, veias negras e vazias, tendões estendidos como cordas sob pressão, um par de ossos longos e brancos. Sentiu uma tontura breve e esforçou-se para que ninguém notasse. Já vira corpos abertos das piores formas, e ela própria fora responsável por alguns, mas, de alguma forma, no calor do momento, tudo se justificava. Uma faca entrava, uma faca saía, e a abertura que deixava para trás era apenas uma consequência. Ali, parecia ser o objectivo. De algum modo, aquela exploração ordenada e meticulosa parecia errada, como alguém que estuda um monte de merda em vez de esquecer que ele saiu do seu corpo.

— Mestre.

O rapaz deu um passo em frente e o homem voltou-se. Não tinha cabelo na nuca manchada, e a sua barba não era mais que um pobre conjunto de pêlos brancos semeados ao vento, todos de tamanhos e feitios diferentes. Finrra esperava que os seus olhos fossem mais aterradoros que os de Dragnar, imersos em sombra ou com pupilas de cores estranhas. Sentiu-se quase desapontada ao ver duas órbitas castanhas e mansas, sem qualquer indício de loucura ou maldade. Mas e daí? Por vezes, as aparências enganam.

— Quem são eles? — perguntou ao rapaz, como se estivessem sozinhos. — O que fazem aqui?

— Eles insistiram em vê-lo, Mestre. Disseram que tinham algo especial para lhe mostrar.

O velho aproximou-se e ergueu uma mão repleta de manchas escuras e secas, que estalavam sobre a pele engelhada. Nos seus dedos segurava uma faca curta, a lâmina do comprimento de uma unha, mas parecendo perigosamente afiada.

— Ninguém pode perturbar o meu trabalho. Ninguém pode ver a minha obra inacabada.

— Mas, Mestre...

O velho interrompeu-o com um movimento da sua mão, tão rápido que Finrra apenas viu um borrão indistinto, e o rapaz olhou horrorizado enquanto uma madeixa do seu cabelo rodopiava em direcção ao chão de pedra.

— As minhas desculpas, Mestre, não voltará a acontecer.

— Não. A próxima vez será a última.

O rapaz recuou um passo, parecendo encolher enquanto as sombras o engoliam, e Finrra sentiu-se subitamente exposta, com o velho de faca na mão à sua frente e nada entre os dois que a pudesse proteger.

— Pedimos perdão por qualquer incómodo...

Ele ignorou-a e aproximou-se de Dragnar, ainda apoiado entre os seus ombros e os de Reicard. Puxou-lhe bruscamente pelos cabelos e observou o seu rosto com atenção. Depois, soltou-o e afastou-se, pouco impressionado.

— Um espécime interessante, mas dificilmente justifica esta visita. Deixem-no por aí, peçam o ouro ao inútil do meu ajudante e sigam o vosso caminho. Tenho coisas mais importantes a fazer.

— Mas tem de o salvar! — implorou Reicard.

O Necromante parou e voltou-se lentamente.

— Como?

— Ele ainda está vivo — explicou Finrra. — O seu coração ainda bate. Pouco, quase não se nota, mas está lá.

— Então esperem que ele acabe de morrer, e depois talvez me seja útil.

— Mas você...

Ele aproximou-se de Reicard, a ponta da lâmina brilhando de forma ominosa na sua mão, e o mercenário engoliu em seco.

— Os vivos não me dizem respeito, e não vos devo o que quer que seja. Levem-no de volta ou vendam-mo quando acabar de morrer, mas não me importunem mais.

— Eu sei o que você faz — exclamou Finrra, e só depois considerou se não devia ter ficado calada.

O velho sorriu, uma teia de rugas formando-se nos cantos dos seus olhos.

— Ai sabes? Esclarece-me, por favor.
— Quer dar vida aos mortos. É por isso que lhe chamam de Necromante, é por isso que paga por corpos de todos os tamanhos e idades, mortos de todas as maneiras. É por isso que paga melhor por cadáveres quentes, acabados de morrer. Quer devolver-lhes a vida, quer curar a morte.

— Curar, sim. Excelente escolha de palavras. A morte não é mais que uma doença, a pior de todas elas, mas eu acredito que possa ser curada. É por isso que estudo os mortos. É por isso que os vivos não me interessam.

— Mas este é um caso especial.

— Está vivo, não foi isso que disseram?

Finrra sorriu, sentindo que o tinha finalmente na mão.

— Não está vivo nem morto, está algures na fronteira.

O Necromante roncou.

— Não existe fronteira, ou se está molhado ou se está seco.

— E o orvalho, é o quê?

O olhar do velho endureceu.

— Não tenho tempo ou paciência para trocadilhos. Vai directa ao assunto ou cala-te.

— Não sei o que descobriu com as suas experiências, mas se encontrou alguma forma de contrariar a morte, eu diria que ela funcionaria melhor em quem está às suas portas do que em quem já as atravessou. Olhe para ele, ninguém que trate os vivos o poderia salvar. Porque não experimentar o mesmo que usa para tratar os mortos?

O velho descaiu os lábios, imerso em pensamentos.

— Há uma coisa que tenho tentado, mas que, infelizmente, ainda não resultou. Os corpos animam-se por alguns momentos, mas, no final, acabam por regressar ao seu estado.

— Talvez neste caso seja diferente. Não precisamos de qualquer pagamento, só lhe pedimos que tente.

O velho demorou um segundo a decidir-se.

— Muito bem, pousem-no aqui.

Aproximou-se da mesa de ferro e afastou o outro cadáver, empurrando-o para o chão sem cerimónia. Finrra quase gritou de alívio ao ver-se finalmente livre do peso de Dragnar, o seu ombro dormiente e dorido após tanto tempo a carregá-lo.

— Vai buscar os meus instrumentos — ordenou o velho ao rapaz, e depois dirigiu-se a eles. — Têm de sair daqui, não posso ser interrompido.

— Mas... — balbuciou Reicard.

— Sem excepções.

Finrra puxou-o por um braço.

— Vamos. Não podemos fazer mais nada por ele, já não está nas nossas mãos.

Havia uma outra divisão, um quarto de dormir que parecia ser usado com raridade. Finrra não se atreveu a tocar na cama, preferindo sentar-se no soalho de madeira com as costas na parede, abraçando os joelhos. Reicard deixou-se cair numa velha cadeira do outro lado da divisão, que rangeu em protesto, e deixou cair os braços entre as pernas, de olhos

pregados no chão. Finrra quase sorriu. Por um momento, pareceu estar de regresso à prisão, mas o seu companheiro de cela não poderia ser mais diferente.

— Suponho que tenha de te agradecer — disse ele, apanhando-a de surpresa.

— Não fiz isto por ti ou por ele. Fi-lo por mim. Ele ainda me deve uma promessa, e vou forçá-lo a cumpri-la, nem que tenha de ir ao outro lado buscá-lo.

Reicard mostrou-lhe um sorriso melancólico.

— Queres enganar-me a mim ou a ti?

Finrra abafou uma gargalhada triste.

— Ambos, talvez. Afinal de contas, tenho uma reputação a manter.

Reicard esfregou distraidamente a mão esquerda, massajando a pele sulcada por cicatrizes profundas.

— Ainda te dói? — perguntou Finrra.

Ele olhou para a mão estendida como se não tivesse notado nela antes.

— Custa a fechar. É pior em certos dias, a fazer certos movimentos, mas não vou morrer disto.

— Sabes que não tinha nada contra ti, nem sequer te conhecia.

— E se me tivesses matado, nem voltarias a pensar no assunto.

Ele ergueu o rosto emoldurado pelo cabelo castanho e comprido, os seus olhos parecendo mais os de um homem e menos os de um rapaz.

— Não preciso que me relembres dos ossos do meu ofício. Pensas que é fácil ver em cada alvo uma amizade perdida? Em cada homem uma possível relação, cortada pelo gume da nossa faca? Passar uma vida inteira a fugir das outras pessoas, com medo de que um novo conhecido seja o próximo alvo? Pelo menos vocês, mercenários, têm-se uns aos outros. Comem, bebem e dormem juntos. Nós, mesmo quando estamos juntos, estamos sempre sozinhos.

Reicard suspirou.

— Desculpa, não queria... Estou-te grato, Escarlata. Independentemente do resultado desta experiência, não vou esquecer que o tentaste salvar.

— Chamo-me Finrra. Acho que, por esta altura, mereces pelo menos saber isso.

— Finrra... — Ele deixou que a palavra reboasse na sua língua como se saboreasse cada sílaba. — Significa “fogo” no idioma antigo. Apropriado, suponho.

— Não passa de uma coincidência, já tinha esse nome antes de o meu cabelo mudar de cor.

Ele observou-a, curioso.

— Como assim? É possível mudar a cor do cabelo? Sem tintas, quero dizer.

— Faz parte do nosso treino. É uma longa história, duvido que estejas interessado.

— Não tenho nada melhor para fazer.

— Não é assim tão interessante.

— Ajuda a passar o tempo, e distrai-me do que eles estão a fazer lá em baixo. — Os seus olhos suplicavam como os de uma criança. — Por favor.

Finrra encolheu os ombros.

— Ao início, o nosso treino é simples. Aprendemos a roubar sem sermos apanhados, a distinguir um alvo entre a multidão e segui-lo sem que ele se aperceba, a ouvir conversas

alheias e decorá-las palavra por palavra. Durante essa fase, não somos mais que ladrões e espíões, pouco diferentes dos miúdos do Rateiro Branco. — Por um momento, perdeu-se em memórias desagradáveis de uma cabeça grande e pálida a esmagar-se contra uma parede de pedra, mas esforçou-se por afastá-las. — Quase todos passam por esta fase. Aqueles que nos escolhem nas ruas parecem ter uma habilidade sobrenatural para detectar o potencial em nós, pois raramente falham. Depois, sim, começa o treino a sério. Aprendemos a matar com punhal, e garrote, e veneno.

Reicard ergueu uma sobrancelha.

— Veneno?

— Certos trabalhos exigem mais subtileza que uma garganta aberta, e o mundo dos venenos é uma arte em si mesma. Existem em forma de líquidos que se misturam em comida ou bebida, óleos que a pele absorve com o toque, póis que nos entram para os pulmões. Da mesma forma, existem aqueles que nos matam de imediato e outros que demoram semanas a produzir efeito, alguns que não deixam traço e outros que deixam a vítima a sangrar por todos os orifícios. Infelizmente, matam tão facilmente os seus alvos como os seus utilizadores. Nada acaba com tantos recrutados como o manuseio de venenos, e é por isso que desde cedo os tomamos em pequenas doses, para que, ao fim de vários anos, sejamos imunes a todos, excepto os mais potentes. Isso altera-nos a pele. Não sou pálida por falta de caminhar ao sol.

Fez uma pausa para recuperar o fôlego, retirando uma estranha satisfação da forma atenta como Reicard parecia absorver cada uma das suas palavras.

— Mas isso é só parte da equação. A outra parte do nosso treino envolve a preparação física. Treinamos a rapidez e a agilidade. Aprendemos a caminhar sem fazer ruído e a escalar edifícios para nos refugiarmos nos telhados. E aqui, o treino não é suficiente. Somos forçados a ingerir uma série de poções, de todas as cores do arco-íris, mas sempre com o mesmo sabor rançoso e ácido, que nos queimam a garganta a descer e parecem consumir-nos por dentro. Provocam febre. Alguns recrutados passam dias de cama sem se conseguirem mexer. Entre esses, alguns nunca mais se erguem. Sentimos fogo nos músculos, e começamos a ver coisas que antes não notávamos, como se fôssemos cegos a ver o mundo pela primeira vez. É como se observássemos o mundo com um sexto sentido a adicionar aos restantes. Simplesmente compreendes mais do que se passa à tua volta, mas não sabes dizer se viste ou ouviste ou sentiste essa informação. E depois, acordas um dia e o teu cabelo e os teus olhos mudaram de cor, e eles baptizam-te com um nome a condizer. É por isso que me chamam Escarlata.

— Deve ter sido horrível.

— Não foi assim tão mau. Sim, os primeiros contratos são difíceis. Depois da minha primeira vez, não consegui dormir durante uma semana. Mas depois habituamo-nos. Os nossos alvos deixam de ser pessoas e passam a ser apenas um rosto e um nome, vazios de conteúdo. E sejamos sinceros, se alguém é importante o suficiente para merecer um contrato, não deve ser um santo. Não é como se andássemos atrás de camponeses. E foi o melhor destino que me poderia calhar. Que tipo de vida esperava uma miúda das ruas? Puta ou ladra, ou uma mistura das duas. Sujeita a ser violada, e espancada, e deixada para morrer numa valeta. Não, apesar de tudo o que passei, nunca poderia ter tido uma vida melhor.

— Lamento — disse Reicard tão simplesmente, como se a culpa fosse sua.

O seu olhar era cheio de compaixão e, ao fitá-lo, Finrra sentiu que o via pela primeira vez. Acabava de contar a história da sua vida, mas era ele que agora se revelava. Aquele rapaz que antes lhe parecera inocente e ingénuo ao ponto do ridículo parecia-lhe agora a única pessoa decente em toda aquela maldita cidade. A última flor entre as ruínas, prestes a murchar entre a podridão.

- Aconteça o que acontecer, Reicard, a vida continua.
- O que queres dizer?
- Se o Dragnar morrer, ele não iria querer que morresses com ele.

O olhar dele endureceu.

- O que pensas que sabes sobre ele para dizeres isso?
- O suficiente para saber que ele se preocupava contigo.
- Eu não tenho mais ninguém.
- Ele criou-te para que conseguisses sobreviver sozinho. Vais dizer que fez um mau trabalho?

Reicard voltou-lhe o rosto e um silêncio caiu entre eles, não pesado ou desconfortável, mas calmo e sereno. Sem que desse por isso, Finrra adormeceu.

Sentiu a mão aproximar-se antes de ela lhe tocar, uma habilidade que lhe salvara a vida por mais de uma vez. Despertou como se apenas tivesse descansado os olhos por um instante e voltou-se para o rapaz que recolheu instintivamente a mão, como se receasse que ela o mordesse.

- O que foi?
- O meu Mestre mandou chamar-vos — explicou o aprendiz do Necromante enquanto sacudia Reicard para o acordar. — A operação terminou.

Finrra colocou-se em pé de um salto e desceram juntos até à cave. Sentia a pulsação estranhamente acelerada e perguntou-se se seria preocupação ou apenas curiosidade mórbida para com a estranha experiência. O rapaz abriu a porta sem cerimónia e eles encontraram o Necromante afundado numa cadeira, os braços pendendo sem forças ao seu lado, o rosto engelhado parecendo ter envelhecido uma década em poucas horas. Reicard deu um passo nervoso em frente.

- Como está ele?
- Deve acordar a qualquer momento — respondeu o velho numa voz sumida.

Finrra acompanhou Reicard, que se debruçou sobre o grande corpo estendido na mesa de ferro. A pequena mesa não tinha espaço para os seus braços grossos, que pendiam até os dedos roçarem o chão, e ela reparou na mão direita ainda mais mutilada que antes. Tinham-lhe cortado um bocado, livrando-se do coto que restava do dedo médio para que conseguissem pele suficiente para tapar a carne nua, e o que sobrava mal parecia uma mão, apenas um pedaço de carne deformada, vermelha e inchada, com dois dedos espetados na ponta. O seu olhar subiu para o peito de Dragnar, uma mancha escura cozida ao centro onde uma espada de lâmina larga o abrira de um lado ao outro. A toda a volta viam-se veias negras e salientes, pulsando num ritmo lento como vermes gordos, cheios de sangue coagulado, rastejando sob a pele. Se alguma vez um homem parecera perdido para lá de qualquer salvação, seria

aquele. E, no entanto, ele respirava. O seu peito elevava-se a custo, como alguém acometido pela peste vermelha e lutando por cada golfada de ar, mas, no entanto, respirava. Os mortos não o faziam. Ou talvez?... Um pensamento sombrio atravessou-lhe a mente.

— Comandante?

Reicard dobrou-se sobre o corpo, aproximando-se do seu rosto sereno.

— Dragnar?

Nada, e Finrra viu a desilusão gravada a ferro no seu rosto. Depois, Dragnar abriu os olhos e ela quase recuou um passo.

— Comandante!

Reicard sorria com um entusiasmo infantil. Finrra foi mais cautelosa, notando como os olhos de Dragnar, antes azuis-claros, eram agora quase brancos. Ele girou o rosto na direcção de Reicard num movimento lento e mecânico. Ergueu a mão direita como se quisesse tocar-lhe, e trancou-a em volta do seu pescoço. Reicard abafou um grito, tentando soltar-se ao mesmo tempo que receava magoar o seu mentor, e só se libertou quando Finrra e o aprendiz do Necromante o ajudaram. Dobrou-se sobre si mesmo, massajando o pescoço dorido e lutando para acalmar a respiração. Dragnar, sentado na mesa de ferro, limitou-se a observá-lo com o olhar indiferente de um cadáver.

— O que raio foi isto? — perguntou Finrra.

O Necromante, quase adormecido na sua cadeira, respondeu num tom inapropriadamente calmo.

— Como queres que eu saiba? É a primeira vez que faço isto. O simples facto de ele respirar, ver e mexer-se pode ser considerado um milagre.

Aquilo irritou-a profundamente, sobretudo por saber que era verdade.

— Então adivinhe! Porque é que ele fez isto?

— Talvez a sua última memória ainda esteja gravada na sua mente, e ele tenha confundido o seu amigo com aquele que o matou.

Finrra rangeu os dentes, tentando reavaliar a situação em que se encontrava e calcular todas as hipóteses.

— E agora? A sua mente vai?...

— Rei...

Uma voz cavernosa interrompeu-a, áspera como pregos de ferro a raspar em pedra. Espreitou sobre um ombro para o corpo sentado na mesa e viu os seus lábios moverem-se.

— Rei...

— Estou aqui, Comandante!

Reicard aproximou-se sem hesitar, os seus olhos ardendo com um fervor incontável. Tomou a mão inteira de Dragnar nas suas e acariciou-a como uma mãe faria ao filho doente.

— Estou aqui.

Finrra observou-os, tensa, pronta a agir caso houvesse outro ataque, mas Dragnar, ou o que quer que fosse aquilo, limitava-se a olhar para Reicard. O Necromante soltou uma gargalhada mórbida.

— Devias estar contente, consegui o que vocês queriam. Fiz o impossível. Trouxe alguém do outro lado.

Ela compreendia a enormidade do seu feito, mas havia assuntos onde os meios-termos, por mais impressionantes que fossem, não chegavam. Era tudo ou nada.

— Ele vai ficar sempre assim? Ou voltará a ser o que era?

— Quem sabe... Dêem-lhe algum tempo, não se pode esperar que alguém regresse do mundo dos mortos como se nada fosse. Pode ser que ele melhore, um dia de cada vez, até regressar a algo próximo do que era antes de o matarem.

— E se isso não funcionar?

O velho molhou os lábios.

— Esperem um mês. Se ele não melhorar, entretanto... É um espécime único, detestaria vê-lo destruído, mas não posso tirar tempo das minhas experiências para cuidar dele, sobretudo com tudo o que aprendi hoje. — Encolheu os ombros. — Se ele não melhorar, mais vale matarem-no de vez.

A luz morna do final da tarde pintava a cidade de amarelos-torrados e laranjas suaves, aquecendo a pele numa despedida demorada antes que a noite gelada se abatesse sobre o mundo. O pôr-do-sol costumava provocar um sorriso satisfeito em Reicard, trazendo consigo as memórias de uma mão-cheia de lugares que visitara com a companhia. Vira o longo rasto do seu reflexo sobre a superfície calma do mar de Oriente, a mais jovem das cinco cidades portuárias, com as suas casas caiadas de branco, a aragem fresca com sabor a maresia, as frutas vermelhas que escorriam sumo doce por entre os dedos de cada vez que se dava uma dentada. Vira o sol esconder-se por entre as Montanhas Geladas do Norte, tremendo dentro de um grosso casaco de pele de urso branco e tentando em vão manter as mãos enluvadas quentes na pobre fogueira do acampamento. À sua volta, o vale coberto de neve mergulhava em sombra, mas o pico da Indomável, a maior de todas as montanhas, permanecia iluminado como uma tocha.

Agora, contudo, o pôr-do-sol não parecia mais que um mau presságio. Como a luz da sua vida prestes a extinguir-se por uma má decisão. Foram as más decisões que mataram Dragnar, ele sabia-o bem, e, no entanto, como o pupilo fiel que era, ele parecia decidido a imitá-lo mesmo nos piores dos seus actos.

Sabia que deveria estar grato, e, até certo ponto, estava mesmo. O seu Comandante respirava e mexia-se. Estava vivo, para todos os efeitos, e, no entanto, ele não deixava de pensar nisso como uma cruel partida dos deuses, como se estes não passassem de crianças mimadas que, na sua vontade de arrelhar os pobres mortais, levavam à letra todos os seus pedidos. Ele rezara para que Dragnar vivesse, sentindo durante todo o tempo o seu escárnio. “Rezaste por mim?”, perguntaria o seu Comandante, se soubesse. “E também sacrificaste uma cabra, como fazem no deserto?” Dragnar sempre desprezara os deuses, afirmando com toda a convicção que eram surdos ou cruéis para fazerem uma tragédia das vidas que haviam criado, e, no entanto, esse sempre fora um aspecto em que Reicard se atrevera a contrariá-lo. Agora já não tinha tanta certeza. Se eles o ouviram e tomaram alguma parte no ritual maldito que lhe devolvera a chama da vida, certamente estariam a rir-se dele.

Alcançou finalmente o seu destino, uma porta dupla sob uma grande placa de madeira laboriosamente gravada. *Custou-lhe os olhos da cara, mas o orgulho que se via no seu rosto enquanto a montavam no lugar fez com que valesse a pena.* Usou um dos batentes, elaboradamente esculpido com a forma de um grifo, e o som metálico ecoou pela rua quase deserta. Não obteve resposta. Bateu de novo, alto o suficiente para chamar a atenção de um homem que empurrava um carro de mão ao fundo da rua.

Ninguém o recebeu. Recuou alguns passos e carregou sobre a fechadura ao centro onde as portas se encontravam, colocando todo o peso atrás de um pé. As portas cederam sob a sua bota e escancararam-se por entre uma nuvem de pó e lascas de madeira levantada pela fechadura quebrada. Lá dentro, um punhado de homens observou-o, espantados. Reicard atravessou o salão de entrada com a naturalidade de quem pertence ao lugar e os mercenários, apanhados de surpresa, viram-no passar sem fazer qualquer tentativa para o deter. Entrou no salão comum, o seu amplo espaço povoado por uns poucos mercenários que tomavam refeições tardias ou apenas procuravam um momento de camaradagem regado a cerveja ou vinho tinto. Todos pararam nos seus lugares, os talheres esquecidos nas mãos, canecas erguidas a caminho dos lábios, todos os olhares pregados no antigo Capitão regressado a casa.

Reicard puxou de uma cadeira e sentou-se bem ao centro do salão.

— Chamem o Sigrid.

Ninguém se mexeu, mas não tardou que uma figura negra irrompesse do corredor, seguido de perto por um mercenário sem parte de um braço.

— O que vem a ser isto? — cuspiu, o seu olhar dardejando em todas as direcções. — Quem se atreve a irromper por aqui adentro como se...

A voz sumiu-se-lhe lentamente enquanto aceitava a realidade diante dos seus olhos. Era como se não acreditasse no que via. Reicard partilhou do seu sentimento, custava-lhe acreditar que o homem definhado à sua frente era o mesmo Capitão que um dia escalara a torre de menagem da fortaleza de Angrade para roubar a sua bandeira e substituí-la pela da companhia. Os seus olhos encovados não podiam ser os mesmos que brilhavam com orgulho no final da Batalha das Setas Vermelhas, quando uma armadilha ardilosa da Companhia Gris trouxera a vitória ao exército do duque Dalion, em desvantagem de dez para um. As mãos trémulas não lembravam de forma alguma o pulso firme com que ele vencera o campeão do Conde Eriolande em ordália, com um único golpe através da viseira do elmo. A liderança da companhia tinha-o arruinado. Reicard atreveu-se a ter esperança, talvez isso lhe desse alguma hipótese.

— Traidor! — bradou Sigrid, numa voz quebrada como uma garrafa partida. — Agarrem-me esse patife.

Um círculo de mercenários tinha-se formado à sua volta, mas todos hesitaram perante a ordem. Um dos novos recrutas atreveu-se a dar um passo em frente, mas uma mão pesada impediu-o. Reicard viu o rosto largo e acolhedor de Anrique e sorriu. O soldado veterano sorriu-lhe de volta.

— É uma ordem! — gritou Sigrid, raiando a histeria.

Reicard colocou-se de pé e afastou a cadeira para um lado. Olhou em volta, encarando cada um dos mercenários que o rodeavam, e, quando falou, a sua voz ecoou no salão.

— Homens, o vosso Comandante acusa-me de traição. Sei das mentiras que vos contou, e não vos censuro se até este momento acreditaram nas suas palavras. Há mais de um mês que a nossa companhia tem sofrido uma série de reviravoltas, e compreendo que se sintam confusos e desconfiados. Pois bem, hoje estou aqui para repor a verdade.

— Calem-me esse miserável!

Reicard deitou-lhe um olhar de relance e voltou de novo a sua atenção para os mercenários.

— Tudo começou no dia em que o nosso verdadeiro Comandante, Dragnar deArmas, anunciou o seu plano para atacar a Fortaleza Dourada. Nessa mesma noite, Sigrid tentou assassiná-lo, encarregando-me de terminar o serviço e livrar-me do corpo. Felizmente, não me tomou como sendo tão desleal como ele próprio, e não esperava que eu conseguisse salvar Dragnar e escondê-lo em segurança, longe das suas mãos assassinas.

— Mentiras! — gritou Sigrid desesperadamente, mas quer fosse mentira ou verdade, os homens mostravam-se atentos a cada palavra de Reicard.

— Alguns dias mais tarde, tentei arrombar o antigo cofre de Dragnar, não para roubar dinheiro ou algo semelhante, mas para recuperar um documento do nosso Comandante, uma carta que ele trazia consigo na noite do seu desaparecimento. Para tal, contei com a ajuda de Dário, que infelizmente sofreu um ferimento irreversível às mãos de Sigrid. Dário, à frente de todos os nossos irmãos, diz-me se minto.

O mercenário deu um passo para o lado, afastando-se de Sigrid, que o olhava como se estivesse pronto a esganá-lo, e pareceu encolher-se perante a atenção conjunta de toda a companhia. Reicard sentiu o estômago a contorcer-se. Não quisera perder tempo a combinar algo com Dário, nem sabia sequer se ele continuava do seu lado, ou se, com o tempo, Sigrid comprara a sua lealdade. Uma palavra errada vinda dos seus lábios naquele momento podia prejudicar seriamente os seus planos.

— É verdade — balbuciou ele, num tom quase inaudível, mas nenhum dos mercenários duvidou do que dizia. — É tudo verdade.

— Estou rodeado de traidores — protestou Sigrid, voltando de novo a atenção para Reicard. — Porquê agora? O que te fez rastejar do buraco onde te tens escondido?

— Dragnar.

Por um momento, ninguém falou. Sigrid observou-o, confuso, enquanto os homens pareciam sustar a respiração, ansiosos pela sua explicação.

— Durante todo este tempo, mantive-me escondido para segurança de Dragnar, para que não se soubesse que estava vivo, e porque ele precisava da minha ajuda. Mas tudo isso foi em vão. Dragnar está morto, assassinado pelos homens do rei, e eu não vou deixar que esta companhia, o seu maior legado, seja arrastada pela lama por um incompetente e traidor como tu.

Apontou para Sigrid, cujo olhar endureceu.

— E o que pretendes fazer em relação a isso?

— Desafio-te para um duelo. O vencedor liderará a companhia.

Durante um momento, Sigrid permaneceu imóvel, sem mostrar qualquer reacção. Depois, riu-se. O seu corpo estremeceu a cada gargalhada, e ele levou um dedo aos olhos, limpando as lágrimas.

— Estás a falar a sério?

Reicard permaneceu impassível.

— Como queiras. És livre de assinar a tua própria sentença.

— Isto é uma loucura — repetiu Dário pelo que parecia a décima vez.

Reicard acabou de afiar a espada, pousou a pedra de amolar e admirou o seu trabalho. Não sabia porque continuara a afiá-la ao longo dos anos quando a usava tão raramente, mas algo no gume brilhante parecia transmitir-lhe segurança.

— Não posso voltar atrás.

— Claro que pode — retorquiu ele, quase implorando. — Os homens acreditam em si. Só precisa de pedir e eles expulsam Sigrid do edifício e passam a seguir as suas ordens.

— Não, tenho de me provar aos seus olhos. Eles não irão seguir alguém como eu, não para os trabalhos que lhes tenho guardados.

— O que quer dizer?

— Eu sei o que pensam de mim, Dário, podes parar de fingir. Sei que me consideram uma anedota, uma farsa, e só continuavam a fingi-lo a pedido de Dragnar. Mas agora não o tenho aqui para me defender, e se quero o respeito destes homens, tenho de mostrar que consigo lutar, que consigo matar.

— Capitão, as coisas não são assim... — murmurou Dário, com uma expressão apologética, mas Reicard ignorou-o.

— Vamos lá acabar com isto.

Regressou ao salão comum, onde as longas mesas tinham sido encostadas às paredes, deixando um longo espaço onde poderiam lutar sem interrupções. Os homens formavam uma longa roda à sua volta, mantendo-se o mais longe possível do combate. Lembraram Reicard dos círculos de duelo onde os nórdicos resolviam os seus conflitos, dois oponentes trancados dentro de uma muralha de escudos que não se abria até que um deles regressasse à terra. Os guerreiros que formavam o círculo não interferiam, pois era uma grande desonra para um combatente vencer com ajuda. Reicard questionou-se se os mercenários seriam capazes de intervir, se estes homens com os quais comeu, bebeu, e dormiu mexeriam um dedo para o salvar da morte certa. Depois, considerou a possibilidade de fazerem o mesmo por Sigrid.

É melhor que não o façam. Estou sozinho, tenho de me começar a acostumar à ideia.

Sigrid observava-o do extremo oposto do salão, de braços cruzados, como se aquilo não passasse de algo comum, trivial, e mal pudesse esperar para despachar o assunto.

— Estás preparado para morrer?

Nunca a minha vida teve tão pouco valor. Se morrer, pelo menos será nos meus próprios termos.

Desembainhou a espada e atirou a bainha vazia para um canto. Do outro lado, Sigrid fez o mesmo. Aproximaram-se de armas em riste e pararam a pouco mais de dois metros um do outro. O ar estava pesado de expectativa, tão espesso que Reicard quase o sentia na pele. Dezenas de homens observavam-nos em silêncio, quase sem respirar, compreendendo as regras dos duelos e tentando antecipar o que cada um dos combatentes faria a seguir. Durante um longo momento, observaram-se mutuamente, imóveis como estátuas. Cada duelo tem as suas regras próprias. Um combate entre homens protegidos por armaduras de placas completas era uma prova de resistência, como dois touros trancando os chifres até que um cedesse. Os bárbaros do Leste lutavam com machados de uma mão e pequenos escudos redondos, tentando estilhaçar a protecção do adversário até ele não ter como se defender. Mas ali estavam dois homens nus, sem escudo ou armadura, apenas as suas roupas e uma espada longa nas mãos. O primeiro golpe poderia ser fatal, e ambos o sabiam.

Começaram a circundar-se em passos lentos, como gatos vadios numa viela, e Reicard manteve-se atento a cada movimento de Sigrid, à direcção do seu olhar, aos músculos do seu rosto. Viu algo e agiu sem hesitação, lançando-se num golpe largo às suas costelas. Sigrid já o esperava. Bloqueou-o com a facilidade com que uma criança afasta uma borboleta, e cortou o ar em direcção aos seus pés. Reicard recuou demasiado depressa, por um momento perdeu o equilíbrio, e sentiu algo quente a molhar-lhe a coxa esquerda. Levantou a guarda por reflexo e recuou ainda mais, deixando Sigrid à distância. Não se atreveu a baixar o olhar para a perna. Dependendo do desfecho, ou teria tempo para o fazer depois do combate, ou já não seria importante.

Sigrid riu-se.

— Sentes a morte a aproximar-se?

Reicard ignorou as suas palavras, mas prestou atenção ao tom cansado da sua voz, à forma como o peito se erguia e os ombros descaíam. Sigrid era velho e estava cansado. Ele próprio era inexperiente e estava ferido. Não sabia como essas probabilidades se equilibravam, mas sabia que faltava pouco para descobrir.

Estendeu a espada à sua frente e aproximou-se até as pontas das armas quase se tocarem.

— Foi assim que o nosso querido Comandante te ensinou a lutar?

A voz de Dragnar ecoou dentro da sua cabeça. “Se as probabilidades estiverem contra ti, encontra forma de as equilibrar. Se não consegues ganhar pelas regras, muda-as”.

— Mas se não funcionou contigo, porque há-se ser diferente comigo?

— Estás a falar para quem?

— Dragnar.

Reicard pareceu olhar para algo atrás do seu adversário, e estremeceu. Agindo por reflexo, Sigrid espreitou sobre o ombro, demasiado confiante ou surpreendido para considerar que aquilo poderia ser um engodo. Demorou o mais pequeno instante, o suficiente para Reicard carregar sobre ele como se empunhasse uma lança em vez de uma espada, e tão depressa saltou em frente como deu um passo atrás, deixando a arma presa no estômago de Sigrid.

— Como é que... Ah!

Reicard viu-o erguer o rosto, demorando a compreender a realidade da situação, e depois fitá-lo com aqueles olhos frios como gelo.

— Seu verme!

Tentou dar um passo em frente, mas caiu sobre um joelho. A espada tombou sob o seu próprio peso e ele gritou como uma mulher a parir quando a ponta de aço lhe revirou as entranhas.

— Não és capaz de lutar como um homem, traiçoeiro de merda! És uma víbora maior que o miserável do Dragnar.

Deixou-se cair, incapaz de se segurar sobre as pernas, mas encontrou a força para arrancar a espada da barriga. Só não conseguiu fechar o buraco que ela fizera.

— Pelo menos, dá-me uma morte digna — implorou entre os espasmos de dor. — Um golpe limpo, é só isso que peço.

Reicard mostrou-se impassível.

— Tentaste matar o nosso Comandante pelas costas, e terias feito o mesmo comigo. Não te devo qualquer favor.

— Eu salvei-te... — A sua voz já era pouco mais que um murmúrio. — Há tantos anos, eu salvei-te.

— E mais recentemente, tentaste matar-me. A dívida está paga.

Reicard viu-o definhar e morrer, lutando em cada instante contra o impulso de acabar com o sofrimento do antigo Capitão. O motivo da sua impassibilidade era mais prático que ideológico. Mais do que uma vez vira homens tornarem-se descuidados perto de inimigos feridos, e pagarem caro por isso. Um homem caído pode puxar de um punhal, cortar um tendão no tornozelo e subir em direcção ao pescoço. Ou atirar a faca à cara do oponente. Ou espetá-lo com um alfinete envenenado. Não. Reicard estava vivo, e não iria desperdiçar isso.

Esperou que Sigrid deixasse de respirar, e só depois de a imensa poça de sangue onde ele jazia ter parado de crescer, sinal de que o coração já não batia, é que se aproximou para recuperar a espada. Voltou-se para os homens.

— Alguém questiona a minha vitória?

Silêncio.

— Alguém questiona o meu direito a liderar a companhia?

Alguns homens sacudiram a cara em negação. A maior parte permaneceu muda e imóvel.

— Muito bem. Regressem aos vossos afazeres — ordenou, voltando-se em direcção ao corredor. — Alguém que limpe isto e se desfaça do corpo.

Deu alguns passos, parou e acrescentou:

— Não o vendam ao Necromante. Enterrem-no em algum lado e deixem que a terra fique com ele.

Não sabia até onde chegariam as experiências do velho, mas decidiu jogar pelo seguro. Não queria que houvesse a mais remota hipótese de voltar a encontrar Sigrid, em que forma fosse.

O gabinete de Dragnar estava diferente. As armas dispostas na parede tinham sido removidas, deixando apenas os encaixes como uma lembrança fantasmagórica da sua presença. Na mesa acumulavam-se papéis em pilhas desordenadas e o tampo estava manchado de tinta e lascado pela ponta de um punhal. Reicard deixou cair a espada no chão e afundou-se na cadeira, sentindo-se mais exausto que nunca. A sua mente era uma confusão de imagens e sensações, todas elas em conflito, todas elas desagradáveis. Sentiu um estranho formigueiro nas mãos e levantou-as com as palmas voltadas para cima. Viu pequenas borbulhas a formarem-se debaixo da pele e não compreendeu como elas tinham aparecido. Viu-as crescer e multiplicarem-se, como milhares de vermes na carne podre de um cadáver, e elas formaram bolhas, e rebentaram, e ele olhou horrorizado enquanto a sua pele se transformava numa ruína de crateras vermelhas, inchadas e cobertas de sangue.

— Capitão?

Ele estremeceu no lugar, voltando-se para Dário como se o mercenário fosse uma aparição.

— Quero dizer, suponho que agora seja Comandante.

Reicard esforçou-se por abrandar a respiração acelerada.

— Não estava à espera de ninguém.

— Desculpe a intromissão, mas achei que podia precisar de mim.

Dário não parecia ter visto nada de estranho, mas aquela visão perturbadora deixara Reicard abalado, com uma sensação inexplicável de medo e ansiedade.

Estou a perder a sanidade.

Esfregou a testa, tentando afastar tais pensamentos e concentrar-se no presente.

— Traz-me o livro de contas.

— Tem a certeza de que não quer tratar disso primeiro?

Dário apontou para a sua perna, que sujava a cadeira e o chão de sangue.

— Se fosse grave, não teria conseguido caminhar até aqui. Traz-me o livro de contas.

— Com certeza.

O mercenário curvou-se ligeiramente e caminhou em direcção à porta.

— Dário.

— Sim, Capi... Comandante?

— Obrigado. Pelo apoio. Teria sido mais difícil se não tivesses confirmado a minha história.

Ele acenou ligeiramente com a cabeça.

— Mesmo que fosse mentira, eu tê-lo-ia apoiado. Sigrid estava a destruir a companhia. Precisávamos de outro Comandante.

Reicard passou os dedos pela grossa capa de couro, polida pelas mãos que a manusearam ao longo dos anos, e abriu o livro. Folheou as compridas folhas rectangulares que formavam um mapa de nomes, preços e datas, até encontrar por fim a página actual. Depois, enterrou a cara nas mãos e desejou que os seus olhos lhe pregassem uma partida. Voltou a abri-los e encontrou a mesma página, cheia de lacunas, os valores totais da companhia decrescendo rapidamente sem qualquer movimento registado, até começarem a ser apontados em tinta vermelha. Dívidas.

— Aquele incompetente... Como é possível que num mês ele tenha esvaziado os cofres? Andou a atirar ouro ao vento?

Dário esfregou nervosamente o coto do braço direito com a mão que lhe restava.

— Dívidas pessoais. Roubos. Contratos impossíveis de cobrar. Novos recrutas, maus recrutas. Um mau hábito de folha do deserto.

Aquilo apanhou Reicard de surpresa. Apesar dos seus defeitos, nunca suspeitara que Sigrid tivesse tais vícios.

— Desde quando?

— Eu não devia dizer mal dos mortos.

— É uma má altura para te tornares supersticioso. Conta-me.

Dário mordeu o lábio.

— Encontrei-o uma noite deitado no chão, a babar-se e a murmurar coisas sem nexos, com os dentes ainda castanhos de mascar a folha. Tentei acordá-lo. Despejei-lhe uma jarra de água na cara e ele despertou como se acordasse de um pesadelo. Agarrou-se a mim e chorou como uma criança. Finalmente, confessou-me que já a usava há meio ano, desde o cerco a Monteferris, onde recebeu aquele golpe na coxa. Disse que começara a usá-la para aliviar a dor que nunca o deixou, mesmo depois de a ferida sarar, mas, com o tempo, a folha fazia

cada vez menos efeito, e ele mascava mais para compensar. Uma folha ou outra consegue-se comprar facilmente no bazar da zona Dárame, se soubermos onde procurar, mas as quantidades que ele consumia... Era um hábito muito caro...

Reicard meditou sobre aquela informação.

Derrotei um velho drogado e, mesmo assim, não consegui evitar que me atingisse. Não sou metade do homem que ele era.

— Então, fiz-lhe um favor. Antes uma espada nas tripas que morrer com falta da folha. E que história é essa de roubos?

— Muitos homens desertaram ao longo das últimas semanas. Questionavam a liderança de Sigrid, não compreendiam o que se tinha passado consigo, queixavam-se de contratos raros e medíocres, e pagamentos atrasados. Por respeito à história da companhia, não queriam desertar, mas tudo mudou no dia em que o Comandante, isto é, Sigrid, perdeu o controlo durante uma discussão com o Brune e matou o rapaz ali mesmo com a faca do jantar. No dia seguinte, quase todos os veteranos tinham desaparecido, e levado o que achavam que lhes era devido.

Reicard gostava de Brune. Gostaria ainda mais de ter sentido pena pela notícia da sua morte, tão trágica e ridícula ao mesmo tempo, mas descobriu que não conseguia.

É este o primeiro passo no caminho do guerreiro? Perder a empatia pelos seus companheiros?

— Tínhamos cento e cinquenta e três homens, sem contar comigo, com Dragnar ou Sigrid. Quantos temos agora?

Dário inspirou profundamente.

— Trinta e sete. São todos os que estavam lá fora. A maior parte rapazes novos, impulsivos e indisciplinados. Levarão tempo a treinar até se poderem considerar verdadeiros guerreiros da Companhia Gris.

É um pesadelo. Só pode ser um pesadelo.

Reicard esfregou os olhos com força e teve de os piscar várias vezes até que a sua visão se focasse de novo.

— Precisamos de homens e precisamos de dinheiro. O que vem primeiro, o ovo ou a galinha?

Dário não precisou de pensar muito.

— Dinheiro. Os homens não trabalham sem pagamento.

— Muito bem. Como? Temos pagamentos por cobrar?

— Houve um par de contratos que Sigrid nunca conseguiu encerrar.

— Iremos buscar esse ouro, nem que tenha de o cobrar pessoalmente. Em relação a empréstimos, conseguiremos algum da Real Casa da Moeda?

Dário torceu o lábio.

— Duvido. Não temos meios de assegurar o pagamento, e se o fizessem, os juros seriam exorbitantes.

— Privados, então. Tenho a certeza de que, ao longo dos anos, Dragnar deixou muitos favores pendentes. Iremos reclamá-los a todos. Passemos a contratos. Com os homens que temos, o que podemos fazer?

— É difícil dizer, Comandante. Pequenos trabalhos. Mal pagos.

— Guardas de caravanas?

— Pouco popular. Envolve muito tempo longe da cidade. Sugeriria guardas domésticos, estão em grande demanda entre os mercadores mais abastados desde que um grupo de bandidos raptou a filha de um deles. Também circulam rumores de que o duque Varendal de Castelazul procura soldados experientes para baterem as suas terras em busca de bárbaros do Leste, mas as notícias demoram a chegar. Por esta altura, as vagas poderão já estar preenchidas.

Reicard coçou o queixo, ponderando as suas hipóteses.

— Vamos arriscar. Reúne um grupo de combate, veteranos e novatos, e envia-os para o duque. Dá uma volta pela cidade e faz-me uma lista de todos os possíveis contratos que conseguires arranjar. Só depois verei o que vale a pena ou não.

— Às suas ordens, Comandante.

Dário levou uma mão à têmpora, como se fosse um cavaleiro a erguer a viseira. Parecia visivelmente entusiasmado por finalmente ver alguma ordem e um resquício de planeamento regressarem à companhia.

— E o Comandante, o que vai fazer?

— Primeiro, coser esta perna. — Apoiou a mão na coxa e ergueu-se a custo. — Depois, logo verei. De uma forma ou de outra, iremos recompor esta companhia.